

M. LEIGHTON

AMOR
INDOMÁVEL

SÉRIE WILD



LIVRO UM

Tradução
Alice França

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS
EDITORA

1

Camí

Enquanto tomo uma cerveja, obsevo a cena familiar. Se o estilo da música tocando alto nas caixas de som do teto não fosse o bastante, o mar de chapéus de caubói não deixaria dúvidas de que o local é um bar country. Sorrio ao ajeitar o chapéu preto na cabeça. Gosto de não ser reconhecida. Mesmo se, por acaso, alguém que eu conheço entrasse no bar cheio de fumaça, jamais acreditaria que eu estaria debaixo da aba do chapéu observando o ambiente.

Sinto um esbarrão — forte — na parte de trás do meu banco no exato momento em que eu levava o copo à boca. A cerveja gelada escorre pelo queixo e desce direto pelo decote da blusa. Respiro fundo.

— Foi mal — diz uma voz profunda no meu ouvido. Duas mãos agarram meus braços e me puxam para trás, impedindo que eu caia. Estou olhando para minha calça e camiseta encharcadas quando percebo que as mãos desapareceram. Meio segundo depois, um rosto aparece diante de mim. — Sinto muito mesmo. Você está bem?

Paro de tirar o tecido molhado do peito e meus olhos se fixam no rosto à minha frente. Com raiva, devo acrescentar.

Então fico sem palavras. Literalmente. E isso é algo que nunca acontece comigo.

Os olhos mais maravilhosos que eu já vi retribuem o meu olhar. Eles são cinza-claro esverdeados, contornados por cílios negros e expressam preocupação.

Um cutucão na perna me faz voltar à realidade e respirar normalmente. Vejo a cabeça da minha melhor amiga, Jenna, surgir atrás do rosto misterioso. Sei que ela me chutou e que está tentando chamar a minha atenção, mas não consigo tirar o foco destes olhos.

Meu Deus, são lindos! Nunca vi olhos que me fizessem suspirar, querer dar risadinhas e fazer um striptease, tudo ao mesmo tempo. Mas estes conseguem.

Ele abaixa a cabeça, me dando tempo suficiente para voltar à razão. Poucas vezes vi olhos assim. Eles estão realmente dispersos. Quando volta a me fitar, seus olhos estão enrugados nos cantos. Ele está sorrindo. E, minha nossa, que sorriso!

— Eu seria uma pessoa ruim se dissesse que gosto mais da sua blusa deste jeito?

Verifico minha blusa. O sutiã rosa-escuro está completamente visível através do tecido fino e molhado da blusa rosa-claro. Assim como os mamilos intumescidos. Eu ruborizo, envergonhada.

Por que, por que eu fui usar uma blusa rosa-claro com sutiã rosa-escuro?

Porque não dá para ver seu sutiã quando a blusa está seca, sua idiota.

Um dedo roça a lateral direita do meu rosto.

— Caramba, que sexy — ele sussurra. Contra a minha vontade, meus olhos se voltam para o seu rosto. O sorriso deu lugar a uma expressão de choque na forma mais pura. — Nunca fiz uma mulher ruborizar antes.

Rio nervosa, me esforçando para recuperar a voz, recuperar a dignidade.

— Eu duvido — digo em tom delicado.

— Nossa! Cabelo de sereia, rosto de anjo e voz de operadora de telessexo. Realmente a mulher perfeita.

Para total humilhação, meu rosto fica ainda mais vermelho. Droga de pele clara!

O Estranho Sexy enfia a mão no bolso, pega algumas notas e as desliza sobre o balcão.

— Outra bebida que a... — Ele não conclui a frase, olhando para mim com uma expressão de dúvida e esperando que eu a complete.

— Cami — digo, tentando conter o sorriso.

Jeito delicado de descobrir meu nome. Ponto para o Estranho Sexy.

— Outra bebida que a *Cami* estava tomando. — Em seguida, se vira para mim com um brilho malicioso nos olhos claros. — Desculpe ter derramado sua bebida. Não posso dizer o mesmo sobre a blusa — ele admite.

Esforçando-me para não ruborizar de novo, inclino a cabeça.

— Os estranhos desastrados têm nome neste lugar? Ou são só chamados de Estabanados?

Seu sorriso torto surge novamente.

— Patrick, mas meus amigos me chamam de Trick.

— Trick? Como as crianças norte-americanas falam no Halloween, treat or trick? Algo do tipo: “me dê coisas gostosas ou faço travessuras”? É isso?

Ele ri, e meu estômago se revira. De verdade.

— Isso mesmo. Esse tipo de trick. — Ele fica sério e se aproxima de mim. — Cami, posso te pedir um favor?

Perco o fôlego outra vez. Ele está tão perto que posso contar cada fio da barba que contorna o rosto bronzeado. Por um segundo, seu aroma, bem masculino, supera o cheiro de fumaça de cigarro e cerveja envelhecida do bar.

Perco a voz — novamente — então aceno com a cabeça.

— Escolha as gostosuras. Por favor, pelo amor de Deus, fique com as gostosuras.

Como uma idiota, não digo nada. Não faço nada. Apenas o encaro. Como uma... uma... bem, como uma verdadeira idiota.

Ele faz um gesto de decepção com os lábios e começa a sacudir a cabeça.

— Que pena. Tornaria a noite mais agradável. Ele fica de pé, dá um passo para trás e sorri novamente. — Prazer em conhecê-la, Cami — diz antes de se virar e desaparecer na multidão.

— Terra para Cami!

Desviando o olhar dos ombros largos e quadris estreitos de Trick se afastando, me viro para Jenna.

— O quê?

— Só isso que você tem a dizer? “O quê?” — ela pergunta sorrindo.

— O que você queria que eu dissesse? — Ainda estou um pouco confusa. Ou seria atordoada?

— Humm... eu queria ouvir sobre seu plano de se levantar deste banco e ir até lá pegar aquele gato e fazer o que ele pediu!

— Você ouviu nossa conversa?

— Ele estava praticamente no meu colo enquanto vocês conversavam. O que você queria que eu fizesse?

— Humm, se afastar!

Jenna suspira. Não muito alto, mas, de qualquer maneira, o faz de forma sensual e feminina.

— E deixar de admirar aquela maravilha? Quase perdi os sentidos só de olhar para ele. O cara é gostoso pra caramba, Cam!

Dou uma risadinha.

— Olha o que você está dizendo! Esqueceu que tem namorado? Ou fez isso de propósito, já que estamos conhecendo pessoas aqui?

— Não me esqueci. E você?

Eu assinto para ela.

— Me pegou, amiga.

Na verdade, eu havia me esquecido. Desde que vi os olhos de Trick, não pensei em Brent em momento algum. E isso não deve ser um bom sinal. Brent nunca me fez sentir o que este cara fez em três minutos.

— Deixa pra lá — ela diz, mexendo a mão com desdém enquanto toma sua cerveja. — Não leve isso a sério. Olhar para ele é como encarar o sol. Você vê pontinhos coloridos e fica tonta durante algum tempo, mas depois passa.

Eu me pergunto se realmente queria que passasse. Não me lembro de nenhum cara ter me deixado daquele jeito.

Não consigo ficar sem olhar para a multidão. Observo o mar de chapéus até meu olhar se fixar em um cabelo escuro. Ele é um tanto longo e levemente ondulado. Mesmo sem ver o rosto, sei que é Trick. Parece natural que ele seja o único cara sem chapéu no lugar.

Quase como se pudesse sentir meu olhar ou os meus pensamentos, Trick se vira na minha direção. Ele me vê como se não houvesse um salão cheio de gente entre nós. Nos encaramos durante alguns segundos e então ele sorri lentamente.

Deus, ele tem covinhas! Adoro isso!

Nesse momento, eu ruborizo. Aqui vamos nós de novo.

Seu sorriso aumenta, e ele me dá uma piscadela. Posso apostar que meus pés estão paralisados. Eu o vejo se virar. Antes que seu rosto desapareça por completo, penso no que Jenna disse. Talvez eu devesse ir até lá e escolher as “coisas gostosas”.

Eu me assusto quando sinto alguém tocar meu pescoço, colocando meu cabelo para trás.

— Está me procurando?

Reconheço a voz de imediato. É Brent. Dou um suspiro. Não é certo me sentir um pouco desapontada. Mas é assim que me sinto. O momento para ser imprudente se foi. A porta da oportunidade foi oficialmente fechada. Por Brent.

Eu me viro no banco e sorrio para Brent Thomason, meu namorado. Ele é tudo o que uma garota pode querer e, com certeza, tudo o que o meu pai quer para mim. Mas ele nunca virou o meu mundo de cabeça para baixo de verdade. E eu nunca me dei conta disso. Até agora.

Brent não é desleixado quando o assunto é aparência. O cabelo ruivo tem aquele jeito propositadamente despenteado e os olhos castanhos-escuros têm uma exótica inclinação que eu sempre achei muito atraente. Mas, mesmo que eu os encare, só consigo ver os olhos cinza-esverdeado.

— Estava me procurando? — ele pergunta novamente.

Eu evito a pergunta, empurrando seu peito de brincadeira.

— Você está atrasado!

— Não posso ser totalmente perfeito. Tenho que manter uma garota como você sempre alerta. — Ele beija a ponta do meu nariz e roça os lábios nos meus.

— Conseguiu fazer o Corvette funcionar? — pergunto, me inclinando para trás.

— Não. Por isso estou atrasado. Acabei de falar com o cara que ia dar uma olhada nele para mim. Como não consegui sequer trazer o carro até aqui, ele concordou em dar uma olhada amanhã à noite. Vou levá-lo nem que tenha que rebocá-lo — Brent resmunga determinado.

Como sempre, acho a paixão de Brent por seu carro um tanto irresistível. Uma das obsessões do meu pai é carro antigo. Temos uma garagem com vários, e eu sei o bastante sobre eles para falar com algum conhecimento.

— Levar aonde?

Ele dá de ombros.

— Ah, uma espécie de oficina rústica. Sabe como o pessoal do interior é.

Sinto a minha expressão de raiva, mas não consigo evitá-la. Sei que Brent realmente não teve a intenção de ofender com o

comentário, mas ainda assim aquilo me incomoda. Diferentemente da maioria dos meus amigos, eu sei como é a vida sem dinheiro. Embora tenha se passado muito tempo, uma garota nunca se esquece de algumas coisas.

Os olhos sensuais voltam à minha mente...

— Quero fazer aquela coisa funcionar para passear com você e te exibir. Quer dizer, passear com ele e exibi-lo — ele se corrige, sorrindo para mim. Sorrio também. O mais triste é que acho que ele estava falando a verdade antes de mudar a frase.

2

Trick

Sinto o leve toque de mãos delicadas na pele das costas. Posso senti-lo ecoar na minha cabeça latejante.

— HUUUUM — dou um grunhido com a cabeça no travesseiro.

Ouçõ uma risadinha.

— Você parece um monstro quando faz isso.

Dou outro grunhido, mais alto desta vez. Outra risadinha. Grace adora quando durmo aqui. Ela adora me acordar.

— Eu preciiiiiiiiso comeeeeer — resmungo com a melhor voz de monstro. E então, tão rápido quanto consigo me mexer de manhã e com ressaca, me viro e envolvo meu braço em sua cintura fina, jogando-a na cama.

Agarro seu pé e começo a fazer cócegas sem dó. Ela pula e tenta escapar, rolando na cama e rindo o tempo todo.

— Para! Para! Para! Eu não aguento cócegas — ela grita sem fôlego.

— Você sabe que é isso que acontece quando se acorda o gigante adormecido.

— Desculpa! Desculpa! Não era o que eu queria!

Solto seus pés e joga as pernas para o lado da cama.

— Vou parar desta vez, mas só porque se lembrou da palavra mágica.

— Desculpa? — ela pergunta ao se sentar e afastar a franja castanha da testa.

— Não, essa não é a palavra mágica. A palavra mágica é *hipopótamo*.

Ela sorri.

— Eu não disse *hipopótamo*, seu bobo.

— Não? Então... — Eu a ataco, e ela corre para a porta gritando sem parar.

Então eu me acomodo na cama com a cabeça latejando muito. *Não ter* uma irmã de dez anos em casa e *ter* uma porta no quarto que pode ser trancada eram duas das principais vantagens da faculdade.

Esquece. Já era.

Esforço-me para sair da cama, vou até o banheiro.

Pelo menos aqui tem uma fechadura que funciona. Graças a Deus!

Depois de jogar um pouco de água fria no rosto, a noite anterior volta rapidamente. Olhos lindos, quase violeta, vêm à mente e, logo depois, um rubor que me deixa excitado só de lembrar.

Cami. Ela era linda.

Caramba!

Não que isso faça diferença. Garotas como aquela *sempre* têm namorado. Na maioria das vezes possessivos, que sabem o que têm e estão dispostos a brigar por isso. Com certeza, eu brigaria. Ela é o tipo de garota pela qual eu brigaria até a morte.

Caramba.

— Anda logo, preguiçoso. O café da manhã está quase pronto.

Ouçõ os pezinhos de Grace se afastarem depressa da porta, com certeza achando que eu iria correr atrás dela. Sorrio diante do espelho acima da pia. Embora ela consiga me irritar muito, eu a amo. Cacete, eu praticamente a criei. Sou o único homem na sua vida, a única figura paterna que ela teve. Ou, pelo menos, a única de que ela consegue se lembrar.

Meus pensamentos se tornam amargos e raivosos. Então jogo um pouco mais de água fria no rosto antes de ir para a cozinha. Café da manhã caprichado, feito em casa é uma das vantagens de *não* estar na faculdade.

— Bom dia, filho — minha mãe diz com um sorriso largo.

— Bom dia — respondo, retribuindo o cumprimento e me sentando no lugar que ela reservou para mim, o lugar que era do meu pai. — Já disse que você não precisa fazer isso, mãe. Posso preparar o meu café da manhã.

— Não deste jeito.

Sorrio.

— Tem razão.

Seu sorriso desvanece quando ela se senta e coloca o prato na mesa. Ela me olha com o canto do olho.

— Você andou bebendo de novo ontem à noite?

Dou um suspiro.

— Sim. Por quê?

— Não estou fazendo tempestade em copo d'água. Mas parece que você tem feito muito isso desde que precisou voltar para casa.

— Mãe, eu não precisei voltar para casa. Eu *decidi* voltar.

Nós dois olhamos para Grace, que finge não estar prestando atenção.

— Eu sei que não é o que você queria, e eu me sinto...

— Bem, não sinta nada. Não se sinta assim. Eu *quis* fazer isso, mãe. Você e Grace são tudo que eu tenho. Foi uma decisão sensata.

Ela volta a sorrir.

— Eu sempre soube que você cresceria para ser esse tipo de homem. Tenho tanto orgulho de você, Patrick. Eu só queria...

— Mãe, a faculdade não vai desaparecer. Posso terminar depois. Agora, isso aqui é mais importante.

Seu sorriso se torna triste, e ela concorda com a cabeça. Sei que se sente culpada, como se tivesse arruinado a minha vida dizendo que o dinheiro do seguro havia acabado. Nos primeiros seis meses do ano passado, eu me senti assim também. Mas eu falei sério. Ela e Grace são a única família que tenho. Se eu não cuidar delas, quem vai cuidar?

— Só me prometa que, se o peso for demais, você vai falar. Não quero te ver beber...

— Mãe! — interrompo em um tom áspero. Depois suavizo minha reação com um sorriso. — Estou bem. Sério. Só estou me divertindo um pouco com os amigos. Nada de mais. Não há o que fazer por aqui, concorda?

Ela dá de ombros e usa a mesma frase que usei alguns minutos atrás.

— Tem razão.

3

Camí

O cheiro de bacon me faz despertar do sonho imediatamente. Meu primeiro pensamento é: *Onde estou?* Quando me dou conta de que o teto acima da cama é o mesmo desde a minha infância, o segundo pensamento toma conta de mim. *Drogheda está fazendo meu café da manhã.*

Então sorrio. Uma das melhores coisas sobre passar o verão em casa é Drogheda, a governanta e minha confidente mais antiga, e sua comida maravilhosa.

Enquanto estou na cama, curtindo o cheiro inconfundível da comida, meu terceiro pensamento me vem à mente, perturbando a paz da manhã. Ele vem na forma de uma visão — olhos cinza-esverdeados brilhantes e um sorriso sexy.

Trick.

Eu *não* deveria estar pensando nele. Ainda. Mas, de alguma forma, me senti atraída por aquele cara. E muito!

Escolha as gostosuras. Por favor, pelo amor de Deus, fique com as gostosuras.

Só de lembrar aquelas palavras já fico enlouquecida. O que ele tem de tão especial, afinal de contas?

Ouço um ruído metálico vindo da cozinha. Sorrio. Sempre que durmo mais que deveria, Drogheda derruba coisas “acidentalmente”. Muitas coisas. E faz bastante barulho. Isso acaba me acordando e desço para tomar o café da manhã. Ela é esperta assim.

Saio de baixo das cobertas e me espreguiço antes de andar nas pontas dos pés pelo quarto e abrir a porta devagarzinho. Desde que eu tinha doze anos, Drogheda e eu brincamos de gato e rato no primeiro dia de férias da escola, antes de ela se acostumar com a minha volta para casa no verão. Eu faço questão de aparecer de repente e assustá-la em algum momento no primeiro dia.

Fizemos isso ao longo de todo o ensino médio e continuamos desde que entrei na faculdade. É uma daquelas tradições que, por mais que pareça infantil, sempre vou manter. E sempre vou valorizar.

Começo cedo essa manhã. Entro pela porta dos fundos da cozinha, caminhando sem fazer barulho pela copa. Dou uma espiada e vejo Drogheda diante do fogão, de costas para mim. Ela canta baixinho, como costuma fazer enquanto cozinha. Está segurando uma espátula em uma das mãos e virando panquecas.

Espero até ela virar a última das quatro e colocar a espátula de lado antes de aparecer. Com três passos longos, dou-lhe um abraço apertado.

— Drogheda! — grito, apertando-a e beijando seu rosto marrom-claro e arredondado.

Drogheda se vira para me dar uma palmada no bumbum. Ela diz uma série de palavras na sua língua materna antes de falar

algo com o sotaque forte para que eu consiga entender.

— *Chica*, você quase matou uma velha de susto!

— Ah, você adora quando faço isso. — Eu me aproximo dela e pego um pedaço de bacon que está na toalha de papel. — Não está feliz em me ver?

Drogheda se vira para mim com uma das mãos na cintura e segurando a espátula com a outra.

— Claro que estou feliz. A casa fica tão vazia sem minha *picaro*, minha *poco diabla*.

Paro de mastigar e aponto a fatia de bacon na direção de Drogheda.

— Meu espanhol está um pouco enferrujado, mas você não acabou de me chamar de diabinha?

— Eu? — Drogheda pergunta, fingindo inocência. — Não, *chica*. Você deve ter entendido errado. Imagina! Eu jamais chamaria uma criança tão amável e inocente de algo assim.

Eu bufo. Ela pega o bacon da minha mão e o enfia na boca antes de apontar a espátula para mim e falar:

— Uma garota educada não faz isso.

Eu sorrio.

— Sim, senhora.

— Agora vá se sentar. O café da manhã está quase pronto.

Enquanto Drogheda se serve de uma xícara de café e a leva até a mesa para se sentar comigo enquanto eu como, me lembro da época em que minha mãe costumava fazer todas estas coisas — cozinhar para mim, conversar comigo, me ouvir, participar da minha vida. Desde que meu pai se tornou *o poderoso* Jack Hines, ela teve que se tornar Cherlynn Hines, a esposa *do*